

## ENSAIO

# Condição de rua

## Street condition

Raonna Martins<sup>1</sup>, Estanislau Alves da Silva Filho<sup>II</sup>

### Resumo

Este é um texto ensaístico, um breve trabalho reflexivo acerca de condições e posturas para um trabalho em campos de rua, no sentido de “dar um toque” ou deixar um aviso para aqueles que ousam por tais vias se aventurarem a se aproximar. Não se tratam de regras ou diretivos, mas potencialmente de marcações situantes, dignificantes do respeito para com o outro e para consigo. Um elogio às humildades tão necessárias a quaisquer dimensões de aproximação humana, nas quais estão mesmo em jogo ódios e violências, implicações e responsabilidades essencialmente autorais, jamais heteronômicas. Éticas de desejos e de cuidados.

**Palavras-chave:** Rua; Psicanálise; Saúde Mental.

### Abstract

This is an essayistic text, a brief reflective work about conditions and attitudes for work in street fields, in the sense of 'giving advice' or leaving a warning for those who dare to venture closer in such ways. These are not rules or directives, but potentially situational markings, dignifying respect for others and for yourself. A compliment to the humility that is so necessary for any dimension of human approach, in which hatred and violence are at stake, with implications and responsibilities that are essentially authorial, never heteronomic. Ethics of desires and care.

**Keywords:** Street; Psychoanalysis; Mental Health.

### Introdução

*Ela é toda boazinha, ela é toda do bem, ela é tão galera, ela é jovem, sabe? Ah, vai se catar, chata paca...* Rita Lee

Em um evento psicanalítico, lá pelas tantas, chega Enzo, jovem-velho de sabe lá seus quarenta e poucos anos, e diz:

*Pôxa, isso tudo é muito importante, a psicanálise, o acesso à palavra, como fazer isso no espaço público... Sabe que, pensando nisso tudo, comecei a ir numa 'Cracolândia' aqui do bairro, querendo ajudar, sabe, e aí*

*digo que sou psicanalista e que escuto, que estou ali para ouvir...*

E ele segue:

*É estranho, porque as pessoas ali começam a me pedir dinheiro, e eu não gostaria de praticar nenhum assistencialismo, mas não entendo porque sempre fica nisso, de eu oferecer escuta e a galera só me pedir coisas... Sabe me dar algumas dicas de como chego nesse campo?*

Como responder a isso? Como dizer de erro em gênero, número e grau aí? Por que é que alguém concebe poder simplesmente chegar e fazer ou se propor a fazer algo num território profundamente desconhecido, mesmo sem qualquer experiência, apenas contando com uma boa vontade? E como é que não poderia haver algo de razoável nisso, visto que se trata talvez do que mais falte à sociedade, intercâmbio social?

<sup>1</sup> Raonna Martins (raonnacm@gmail.com) é graduada em psicologia, psicanalista, mestre em psicologia social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), doutora em psicologia clínica pela Universidade de São Paulo (USP).

<sup>II</sup> Estanislau Alves da Silva Filho (stani-asf@hotmail.com) é psicanalista e tradutor em psicanálise, bacharel em biologia, farmácia e licenciatura plena em pedagogia, mestre e doutorando em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP).

É claro que se a coisa funcionasse como deveria, se as pessoas se escutassem, parte significativa do trabalho em saúde mental tornar-se-ia menos complexo – se um mínimo de respeito e acolhimento social existissem, por assim dizer. Mas é claro, também, que isso não tem que ver com “escuta qualificada” e nem nada dessa ordem. Outrossim, porque alguém chega num território supondo que tem o que oferecer ou, mais ainda, que o outro tem que receber ou que está lá para receber? Pressupõe-se doença ou deficiência? Sofrimento? Haveria nisso arrogância? Ingenuidade? Maldade? Riqueza?

Sigamos aqui por uma espécie de síntese ou reverberação tanto dessas ponderações quanto das desenvolvidas mais detidamente no trabalho “Fazer nada e transformar mundos – psicanálise em territórios de exclusão”<sup>1</sup>, de modo a nos sensibilizarmos com relação a alguns tópicos da saúde mental e o trabalho na rua.

### Sem dó

É muito corrente se chegar ao campo supondo-se detentor de algum conhecimento salvador ou mesmo como se simplesmente se estivesse em uma posição de (poder) ajudar o outro. Seria preciso enraizar a perspectiva winnicottiana de que qualquer tipo de sentimentalismo é pior do que inútil, trazendo à tona ou rasgando mesmo aquilo que Miguel Bairrão<sup>2</sup> já denominou de “Máscaras do Conservadorismo em Psicanálise”, tão capaz de camuflar o esforço de expiação de culpas burguesas travestido num voluntarismo que talvez merecesse mesmo a alcunha inclusive de racista, sem dizer do recurso ao benevolentismo que literalmente realiza a “banalidade do bem”<sup>3</sup>. Isto é: não chegue com dó, querendo salvar, fazer e acontecer – a coisa não é sobre você (e se você chega assim ao campo, isso diz muito mais sobre si do que sobre o que há lá).

O campo da rua é um lugar de misérias e mazes sociais, com ruínas pessoais e também imensas invenções de vida que a gente desconhece. Tomar café no barraco de lona é por vezes melhor e mais digno do que muitas outras sociabilidades costumeiramente

correntes. Já há sociabilidade lá: não é você que vai chegar lá e fazer isso ser. Descobrir isso pode ser ouro puro e prévio.

É importante se vislumbrar que o “ferido” aí é você, que está chegando ao novo território. É você que precisa de quem lá está, para te receber, incluir e mesmo falar contigo. Se você não tiver isso, provavelmente ficará sozinho. Não é o seu jogo e nem são as suas regras. E é fato que para passar a noite na cocheira, há que se ter cheiro do cavalo, para não incomodar. Sendo igualmente óbvio que a assimetria está dada, não havendo como transpô-la. Seria falso “fazê-lo” ou forçá-lo, facilmente danoso, já que promotor de não-encontro – uma vez que esse encontro essencialmente só pode ser conflitivo e desarmônico.

Subestimar o outro é um modo de não enxergar, é uma cegueira experiencial. Desqualifica-se e coloniza-se. Pode ser que você seja de fato desnecessário ali, e que tentar abordar e reabordar alguém que já viu quinhentas pessoas passando querendo “ajudar” só sirva para aborrecimento.

Com dó, a pessoa se apressa em fazer, facilmente matando a potência alheia, e comumente se elimina a possibilidade de as pessoas falarem em seus próprios nomes. Com dó se desrespeitam autonomias, criam-se dependências e impedem-se relações. Tiram-se responsabilidades, sendo que a responsabilidade, o assumir responsabilidades (e aí, elas são de todas as ordens, incluindo justamente o depósito, a colocação de responsabilidade ali num sujeito que está lá), pode ser justamente um caminho humanizante, o Choque de Humanidade que lá faltava.

Há quem diga que não se pode dizer “não” ou “brigar” com um “vulnerável”. “Se tá na rua, precisa de algo”, pensa-se. Cai-se como pato na manutenção de uma relação de codependência, assim. E o mais interessante, considerando descrições, por exemplo, de usuários de substâncias psicoativas, enquanto promotores de um uso psicorreligioso dos efeitos psicossomáticos de tal substância, de modo que se a usa para se sentir e agir como deus, não-humano, não sentindo as dores e as frustrações ao incorporar um divino, pois bem: eis que tal pode ser o “uso” que o “agente-ajudador” de rua

pode querer promover enquanto auxiliador, sentindo-se deus (incapaz do fracasso e da desimportância, do não sentir-se importante) e alimentando-se da relação que realiza um duplo feedback recíproco, em conluio vincular, de manutenção de um mesmo, com ninguém “responsável”. Não se faça por dó.

### **Cuspe na cara e caco de vidro**

*Reparar. Em primeiro lugar: eu nunca mais andei nas ruas da mesma forma que antes. Comecei a reparar nos descartes, nos lixos. Passei a ver pino de cocaína, camisinhas, garrafas quebradas de uma forma tão específica que, já com esses elementos, eu podia concluir o que está na cidade o tempo todo, mas não temos o hábito de reparar. Dito de outro modo, achei outros sentidos praquilo que normalmente é tido como lixo ou simplesmente ignorado. Pinos feitos de um material que parece uma borracha, saquinhos plásticos pequenos, latinhas diversas, moldadas de mil jeitos... são indícios de que ali houve ou há uma cena de uso de substâncias psicoativas. Uma vez que se começa a reparar nesse tipo de coisa, não tem mais fim e, dizendo de mim, acredito que construí outra sensibilidade baseada nessa proximidade com as pessoas e certamente encontrei um sentido pro lixo: para mim, são histórias, cenas, marcadores humanos, pistas de humanidades. Outra coisa são as garrafas quebradas: a depender de como estão dispostas, significa que houve uma briga naquele local. E, caso você... trabalhe com pessoas em situação de rua, saiba que em algum momento da sua trajetória você terá que separar uma briga. Não qualquer briga – são garrafas, canivetes, peixeiras, pedras que voam pra cima de outra pessoa, de modo que realmente não dá pra saber se*

*dali os envolvidos saem sangrando, mortos ou abraçados. O tempo é diferente nas ruas. Depois de vinte minutos de briga, a pessoa pode se levantar e sentir que nada aconteceu. Vida que segue. No começo, eu levava muitos sustos e com algum tempo eu comecei a entender esse tempo que passa diferente. Não tem antes ou depois.*  
(Martins, 2023, p. 125-126)<sup>1</sup>.

Minha cara é vista antes de mim, e ela é um suporte aparentemente convidativo de cusparadas, estas formas de contato que permitem reconhecer-se precisamente como estrangeiro que sou ali. Tomar cuspe tem a ver com topar conflito e aceitar não ser amado. Não ser aceito. Você topa não ser bem-vindo? “Vendo e ouvindo vocês falarem, me dá vontade de ir aí e escarrar na cara de vocês, de vomitar!”; “Isso que vocês estão fazendo aí, vocês estão cuspiando na cara da gente”. Foram frases de um cara que fazia parte do Movimento Nacional de População em Situação de Rua após uma apresentação de atividades realizadas com tal público em nome do governo.

Boa parte dessas pessoas já recebe constantemente o ódio da sociedade toda: são expulsas dos bares ou locais de convivência, das UBSs (caso cheguem “muito loucas”), tendo suas agressividades coibidas e não reconhecidas. O que acontece com o pescador árabe que esfrega a lâmpada com gênio dentro? O gênio sai e realiza o seu desejo, pura e simplesmente? Não, o gênio sai e mata o pescador! Ele lá estava preso há séculos (o prenderam lá); no primeiro século jurou que tornaria milionário quem o libertasse (mas cem anos passaram, e nada); no segundo século, jurou que revelaria todos os tesouros da terra para quem o libertasse (mas não teve sorte); no terceiro, prometeu fazer do libertador um poderoso soberano, estando sempre ao seu lado, garantindo desejos todos os dias (mas esse século também passou em branco); finalmente, enraivecido por estar lá preso por tão longo tempo, jurou que caso alguém o libertasse, o mataria sem dó nem piedade, não lhe concedendo outra graça que a de poder escolher o modo como gostaria de morrer.

O cuspe vai acontecer. Seja porque a pessoa está alcoolizada e chega muito próxima e sequer se dá conta da insistência da aproximação, seja porque ela te acha uma porcaria. Você não tem que aguentar o cuspe, mas você precisa saber que não necessariamente ele tem que ver com “você”. Sua cara branca e “intelectual”, ou com crachá da prefeitura, chegam primeiro.

Só que o cuspe ensina, aumenta o repertório. Força humildade. Convoca a violência. Como você responde violência? Com que violência você responde a violência? Há mão suja. Violência do silêncio? Violência de não-resposta? A rua é um lugar de conflito, e a gramática da violência não ficará de lado – o que de modo algum te autoriza a andar com um pedaço de pau na mão (mas aí, tem tudo que ver com você).

Difícil não lembrar de Contardo Calligaris considerando algo da “vocação profissional”, no sentido de o que ele gostaria de encontrar num aspirante a terapeuta:

*Um gosto pronunciado pela palavra e um carinho espontâneo pelas pessoas, por diferentes que sejam de você. Proponho-lhe um teste um pouco difícil, mas, afinal, você deve tomar uma decisão importante: bata um papo com dois ou três moradores de rua, aproxime-se, deixe-os falar o que, em geral, ninguém escuta (salvo justamente os psicoterapeutas dos Centros de Atenção Psicossocial). Se você conseguir escutar, digamos, uma hora, sem que o discurso (quase sempre desconexo) abale sua atenção, e se não recuou instintivamente quando eles passaram uma mão encardida na sua camisa ou direto no seu braço, passou no teste. Repita, se possível, com outras amostras: pacientes psiquiátricos numa enfermaria ou num hospício, pacientes terminais num hospital geral e pessoas assoladas por um luto. Sei, claro, que são provas que podem parecer estranhas e extremas, sugeridas por alguém (eu, no caso) que tem desde sempre uma simpatia (senão uma atração)*

*pelos sarjetas do mundo. Mas minha intenção é prevenir. Veja bem, eu me formei numa escola de gente engravatada ou, então, alardeando camisas de seda modelo Revolução Cultural Chinesa. Alguns anos depois de ter começado minha prática de psicanalista, decidi trabalhar durante um tempo (foram dois anos) num IME (Instituto Médico Educativo) do norte da França, em Le Havre. Eu seria terapeuta de crianças que só tinham em comum o traço seguinte: todos - os pais, a assistência social, a escola - haviam desistido delas. Durante a visita preliminar para obter o emprego, sentei no pátio da instituição, contemplando a estranha agitação ao meu redor. De repente, um menino, bonito e inquietante pelo olhar esbugalhado, veio até mim, subiu no meu colo (eu pensei: legal, ele me acha simpático, não é?) e começou a comer meu rosto. Não eram mordidas, eram chupadas largas, de boca aberta, nos olhos, no nariz, nas bochechas; num instante, minha cara estava coberta de uma saliva espessa que tinha o cheiro e o gosto inconfundíveis de café com leite, ruim como só a instituição psiquiátrica consegue fazer. Durou uma eternidade, e eu deixei, até que ele mesmo, talvez estranhando que eu não o afastasse nauseado, parou e ficou me olhando. Passei a mão na cabeça dele, devagar, para não o assustar, num gesto que queria dizer: está bem, entendi que este é seu jeito de falar, esta é (literalmente) sua “língua”, pode falar comigo. O diretor da instituição, que estava sentado ao meu lado, comentou: bom, acho que você foi aprovado. E pensei o seguinte: isso deveria ter acontecido comigo muito tempo atrás, antes de começar minha formação, quando ainda daria para desistir. Por sorte, passei nesse teste tardio.*  
(Calligaris, 2004, p. 10-11)

## Nada

Colocar uma mesa na rua (no meio do fluxo da Cracolândia) e ter pouquíssima expectativa do que vai acontecer com aquela pessoa que está passando por ali. Ela senta naquela cadeira e não sabemos exatamente onde a conversa irá parar. Quando você não está esperando uma coisa específica, várias outras coisas podem rolar, facilmente inéditas.

Só que fazer nada não é não fazer nada. É aqui o nome de uma estratégia de trabalho. Tem nela algo de dar um passo atrás, desassumir certas certezas e não chegar querendo cumprir protocolos.

Ninguém tem tempo para nada. Desde a dimensão do funcionalismo público, estão todos completamente esmagados, saturados e consumidos pelas obrigações e institucionalizações impossíveis de se dar conta.

Trata-se, assim, do empenho de criar um espaço entre excessos: estatais, sociais, pessoais, profissionais e mercadológicos. Será necessário perder tempo, sair do tempo absoluto das resoluções e das soluções imediatas. Há que levar o seu tempo e respeitar o tempo alheio. Há que haver ar para respiro, certo vagar, certa espacialidade, pouco ortodoxa.

Fazer nada é um trabalho de recomposição da tessitura social, do interstício de um organismo rasgado, onde nada se liga a lugar nenhum, e os corpúsculos se perdem em trânsito qualquer. Modos de transformar invisíveis em existentes, não-lugares em lugares. Nesse não fazer o cara está conversando e conversando, perdendo a noção do tempo, e depois descobrindo que “esqueceu” de tomar “marvada”, deixou de queimar pedrada – enquanto o gestor esbravejava “cês vão ficar aí no pátio de papinho?”, “o que efetivamente estão fazendo?”; na mesa supracitada, pessoas e pessoas vinham, e resolviam contar as suas histórias, de modo que, por vezes, alguém as anotava e até mesmo as recontava de volta ao contador, algo que ocasionou certa feita: “do jeito que você escreveu a minha história, pareceu mais interessante, eu me vi mais interessante – quero levar ela para casa assim e mostrar para as pessoas”; dias seguintes, surgiram umas duas pessoas perguntando: “é aqui que fazem

a nossa história para a gente aparecer no jornal?” (e um jornal zine foi feito! E durou dois anos! [há na Cracolândia quem guarda seu jornalzinho, com a sua história, no bolso até hoje]). Noutra vez, Guerrinha sentou-se na mesa, e ficou conversando com a galera ali; conheceu um dos “educadores” que até acabou o levando à USP para assistir uma aula de geografia. Era uma interação despreziosa, mas que, anos depois, aconteceu de encontrarem um corpo na rua Helvetia; “quem conhece?”, “alguém conhece?”, “quem já viu?”; um agente daquela mesa reconheceu, e conseguiu ir atrás da família: uma pessoa foi velada e enterrada não como indigente: bom descanso, Guerrinha! (e isso deveria ter sido operacionalizado por uma política pública que proporcionasse a identificação).

Por vezes parece pouco. Por vezes parece nada. Entretanto, houve coisas que só foram possíveis porque se estava mais autenticamente lá se extrapolando as diretrizes e indicações da política pública sobre como deve ser realizado (limitado) um atendimento. Da banalidade do mal, na execução obediente de protocolos, à banalidade do furor de bondades, estrangulam-se vidas.

## Fronteiras

*Não damos a mínima para a existência ou não de vocação; o importante é estar lá. Se formos honestos, analisaremos por que estamos lá, o que fazemos lá etc., ou então nem começaremos. [...] Questionar o lugar onde atuamos, compreender os problemas que interessam em sua natureza em suas relações com a sociedade é uma condição para a realização de trabalhos como esse, independentemente de sua categoria profissional específica. (Oury apud Guattari, 2004, p. 28 e 33)*

O outro é contingência pura. O outro é estrangeiro. Também eu sou de fora, estranhável. Efeito disso, por isso “sabido”: escolhemos não entrar em contato e

nos escutar. Para que a escuta se estabeleça, quando se está disposto a enfrentá-la, é importante esperar e superar sustos. Encontrar tranquilidades na condição estrangeira. Vai haver conflito na aproximação, com a potência de aproximação no conflito. Cabe existir sensibilidade e delicadeza no respeito para com o que o corpo do outro diz, o que ele nega e o que ele permite, e quando. Há o envolvimento de uma relação não imediata com o outro e com o conhecimento, alimentada pela capacidade de não se assustar e de não classificar rápido demais – valerá notar quando há uma ansiedade por compreensão. Estamos, desse jeito, em uma dimensão que não se reduz a significados premeditados sobre o que a visão pode apreender instantaneamente. É preciso chegar perto e escutar, colocar a orelha em contato, em uma escuta que requer tempo e demanda diferentes sabores. Se eu me apavoro e, neste movimento, significo o outro à priori – “isso é lixo”, “isso é agressividade”, “isso é cocaína” – então não poderá haver escuta, não poderá haver “nada”. Se o significado aparece antes, significa que não há escuta. Mesmo ou especialmente quando prego a paz antecipadamente. Valerá, de fato, treinar. Antes de repercutir ou cuidar.

## Referências

1. Martins R. Fazer nada e transformar mundos: psicanálise em territórios de exclusão. São Paulo: Devires; 2023.
2. Bairro JFMH. Máscaras do conservadorismo em psicanálise e possíveis antídotos. *Clín Cult* (São Cristóvão). 2019;8(1):64-77. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2317-25092019000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-25092019000100007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 abr. 2024.
3. Eagleton T. O problema dos desconhecidos: um estudo da ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2010.
4. Xavier AA, Tomazelli E. Idealcoolismo: um olhar psicanalítico sobre o alcoolismo. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012.
5. Calligaris C. Cartas a um jovem terapeuta: o que é importante para ter sucesso profissional. Rio de Janeiro: Elsevier; 2004.
6. Guattari F. Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional. Sobral U, Aparecida MSG, tradutores. São Paulo: Ideias & Letras; 2004.